

PÓVOA DE LANHOSO (Fonte Arcada)

A igreja de São Salvador de Fonte Arcada está situada na freguesia homónima, a leste da Póvoa de Lanhoso, sede de concelho (distrito de Braga), da qual dista 3 km. Saindo de Póvoa de Lanhoso siga pela N205. Na rotunda saia na segunda saída e percorra 2 km. Vire à esquerda em direção à avenida Padre David Rodrigues Morais. 240 m depois vire à direita e encontra a igreja.

Implantada a cerca de 200 m de altitude, em cota média, na bacia hidrografia do Ave a igreja de São Salvador de Fonte Arcada está documentada desde os finais do século XI, constando do *Censual de Entre Lima e Ave* [1085-1091], arrolamento promovido pelo bispo D. Pedro no âmbito da organização da diocese de Braga. Neste arrolamento consta já como um mosteiro, instituição que viria a receber carta de couto concedida por D. Afonso Henriques, antes de se intitular Rei, em data anterior a 1140. As fontes de carácter genealógico do século XIV registam que o mosteiro foi fundado/edificado por Godinho Fafes, da linhagem dos senhores de Lanhoso, personagem documentado no século XI. Segundo Sottomayor-Pizarro as raízes dos senhores de Lanhoso remontam ao conde asturiano Vímara Peres, o celebrado *praesor* do Porto, integrando-se a linhagem entre as mais ilustres do território portugalense, como os de Sousa, de Bragança, da Maia, de Baião e de Riba Douro.

Como já notou C. A. Ferreira de Almeida, nos tempos imediatamente anteriores à formação de Portugal, a bacia do Ave correspondia à área com maior densidade de paróquias, igrejas e mosteiros. A intensa ocupação humana, que se distribui em *habitat* disperso, mas contínuo, foi-se sedimentando num longo processo que, não obstante os diversos ritmos da história, deixou um lastro de permanências que se detetam na intensa e continuada ação antrópica sobre o território. Nos antigos castros, nos importantes vestígios da ocupação romana e nos testemunhos que remontam à Alta Idade Média, esta região mostra uma paisagem densamente humanizada para a qual contribuíram a aptidão agrícola dos solos e a abundância de água. A arquitetura de igrejas paroquiais e mosteiros, já existentes no século XI, ou datando de épocas ainda mais recuadas, irá ser alvo de alterações. Na maioria dos casos os antigos programas arquitetónicos serão substituídos por construções românicas nos séculos XII e XIII. Todavia, a cultura arquitetónica da Alta Idade Média deixa marcas nos novos templos de forma mais evidente ou mais subtil, como demonstram diversos exemplares. Cremos que na cabeceira da igreja do mosteiro de Fonte Arcada se patenteiam alguns aspetos da cultura arquitetónica dos séculos X e XI, como adiante se verá.

No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros (1320) o mosteiro beneditino foi taxado em 550 libras, o valor mais elevado entre todas as igrejas e mosteiros da Terra de Vieira. Extinto em 1455 pelo arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, é então reduzido a igreja secular, tendo sido elevada a arcediagado dez anos mais tarde.

Igreja de São Salvador

O TEMPLO, construído em granito e aparelho pseudo-isódomo, é composto por uma nave alta e larga, com cobertura de madeira e por cabeceira abobadada de três tramos, sendo dois retos e um de remate semicircular. Um dos aspetos mais singulares desta igreja

é o acentuado contraste entre a complexa articulação patente no interior da cabeceira e a simplicidade da fachada principal.

No exterior da cabeceira, os alçados dos tramos retos apresentam contrafortes, escalonados no seu remate

superior, que os dividem dos tramos que formam o remate em semicírculo desta parcela. Dois frisos horizontais animam a superfície murária que se divide em três registos, sendo os alçados rematados por cornija com decoração prelada e ritmada por arquinhos que assentam em cachorros lisos. O alçado norte está parcialmente coberto por uma sacristia da época moderna. Em dois dos três paramentos do tramo semicircular abrem-se frestas compostas por arco de volta perfeita assente em colunelos. Colunas adossadas que sobem até à cornija e dois frisos a diferentes alturas, como acontece nos tramos retos, compõem este alçado rematado por cornija assente em arquinhos sobre cachorros. As bases das colunas de configuração ática repousam sobre uma sapata. Entre os capitéis há exemplares com escultura vegetalista que alterna com cabeças de animais, aves que se afrontam na esquina e engolem um personagem humano, e uma serpente com duas cabeças.

Os muros laterais da nave, onde se abrem três frestas sem qualquer decoração, são rematados superiormente por cornijas sobre arquinhos que se apoiam em cachorros, em solução semelhante à da cabeceira. A permanência de lacrimal e de mísulas nas fachadas laterais faz supor a existência de um alpendre, situado a norte da igreja, e de aposentos monásticos, implantados a sul. Esta organização é confirmada por Craesbeeck, em obra publicada em 1726, referindo o autor que nessa banda (a do sul) se situava o antigo claustro, então já desfeito, mas que

“ainda mostra da parte do Nascente e do Sul o casario, que servia de mosteiro, e hoje he habitação dos arciedigos ou seus rendeiros” notando que o mesmo lado “se vê cheio de campas inteiriças por toda a parede”. Craesbeeck apresenta o desenho de várias tampas tumulares que se encontravam no adro da igreja entre as quais figuram peças semelhantes a uma tampa com cruz pátea rodeada por um círculo e de pé alto, atualmente encaixada no embasamento da fachada norte. Nas fachadas laterais abrem-se três portais, dois na fachada sul e um na fachada norte. Junto à cabeceira, um dos portais do muro sul é composto por duas arquivoltas e por um arco envolvente, cujas aduelas apresentam uma decoração vegetalista esculpida a bisel. O tímpano liso foi colocado nas obra de restauro da década de 1940, uma vez que não consta na fotografia de Marques Abreu publicada por Joaquim de Vasconcelos em 1918. Os dois pares de colunas, sobre as quais assentam as arquivoltas, são compostos por capitéis vegetalistas emergindo uma cabeça humana entre a folhagem, num dos exemplares. Nos plintos, pontuam figuras de animais entre os motivos fitomórficos. Próximo da fachada principal, o outro portal do muro sul é de vão retangular, não apresentando colunas embora o arco seja formado por aduelas marcadas com siglas. O tímpano deste portal tem esculpida uma cruz pátea ladeada pelo sol e pela lua. Esta peça aparenta não ter sido terminada já que a lua surge apenas incisa enquanto o sol é esculpido em encavo. Na

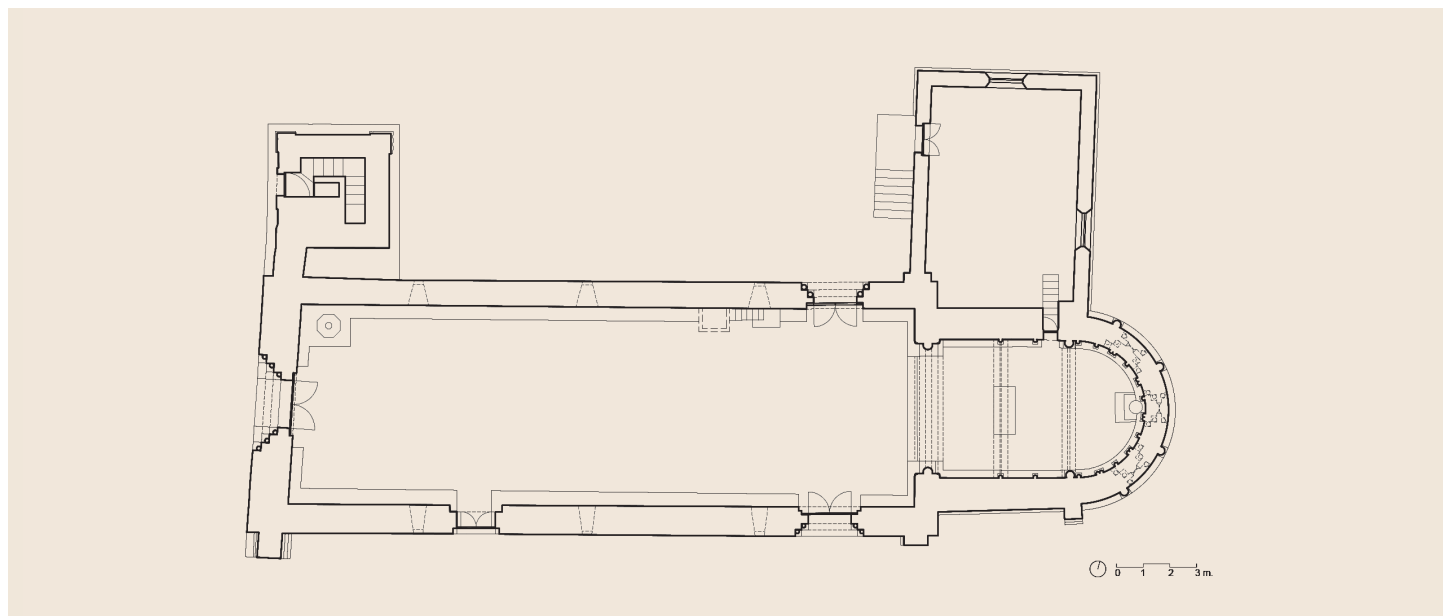


Perspetiva geral da igreja a partir do lado ocidental



*Perspetiva geral a partir
de nordeste*

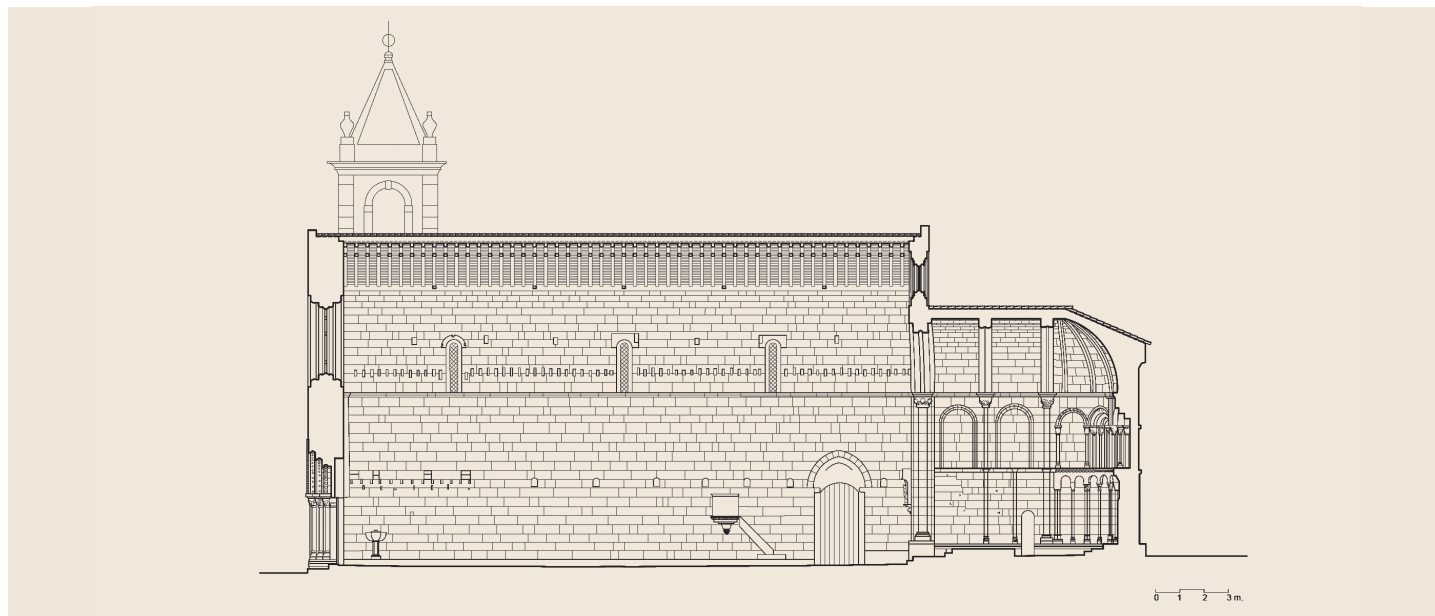
Planta



fachada norte abre-se um portal com tímpano liso e duas arquivoltas com modinatura em toro/escócia e decorada com pérolas. Nas colunas que sustentam as arquivoltas, destacam-se os plintos pela acentuada altura relativamente ao pé-direito. O desgaste dos capitéis, já visível nas fotografias anteriores ao restauro do século XX, não permite entrever o tipo de escultura. Nas mísulas figuram

duas cabeças de animal, semelhantes a uma das mísulas do portal principal.

A fachada ocidental, ladeada por dois contrafortes de remate superior escalonado, é composta por dois registos. No primeiro abre-se o portal e no segundo, acima de um friso, pontua uma rosácea com dimensão e grelhagem próprias das soluções góticas, reconstruída nas obras de



Corte longitudinal

Alçado ocidental



Corte transversal



restauro do século xx. O portal apresenta três arquivoltas de modinatura semelhante às dos portais laterais, sendo rematadas por um arco envolvente cujas aduelas receberam decoração em enxaquetado. O alçado é ainda composto por três pares de colunas cujos fustes, dois deles prismáticos, se apoiam em bases bulbiformes. Os capitéis ora apresentam motivos vegetalistas, ora figuração humana cujo sentido nos escapa, dado o desgaste da pedra, ora ainda pequenas cabeças que emergem entre as folhagens.

Apesar da dificuldade em identificar as figuras humanas, não podemos deixar de notar que é nos capitéis do pé-direito norte que a figuração é mais densa. No primeiro e no terceiro capitel as figuras esculpidas na aresta apresentam os braços levantados indiciando uma qualquer ação que não logramos identificar. Junto a estes dois capitéis, a mísula que segura o tímpano apresenta duas cabeças humanas de dimensão ligeiramente diferente. A presença dos dois personagens esculpidos nos capitéis junto às duas cabeças



Capitéis da cornija da abside

Abside



humanas parece indiciar uma ligação semântica entre si, bem como estabelecer uma relação entre estas figuras do portal e os dois personagens deitados, que aparentam estar a dormir, esculpidos dentro dos limites de um dos arcos do alçado interior da cabeceira. Voltaremos a esta questão.

No tímpano figura um *Agnus Dei*, entre folhagens bise-ladas, cuja forma indicia quanto este motivo se naturalizou perdendo o seu caráter estático próprio desta representação apocalíptica tão frequente no românico português do

século XII. A norte da fachada ergue-se uma torre sineira da época moderna.

É no alçado interior da cabeceira de Fonte Arcada que se concentra a maior qualidade do seu programa arquitetónico. O registo inferior da parcela semicircular é ritmado por dez arcadas-cegas de perfil ligeiramente ultrapassado que se apoiam em colunas, por vezes geminadas, onde pontuam capitéis de cesto alto e estreito predominantemente vegetalistas. Apesar de já ter sido notada a sugestão



Portal norte



Portal sudeste

Portal sudoeste



pré-românica das arcadas-cegas, cremos que não é unicamente o seu perfil ultrapassado que recorda as formas da arquitetura recorrentes entre os séculos IX e XI. Habitualmente os arcos deste tipo de arcatura são compostos por várias aduelas que assentam nos capitéis, enquanto em Fonte Arcada apresentam uma só peça retangular na qual se desenhou o arco. Esta morfologia é própria dos ajimezes pré-românicos. Muito embora, por definição, um ajimez seja um arco duplo, o processo é semelhante já que os ajimezes são compostos por uma só peça na qual se rasgam dois arcos, tendencialmente de perfil ultrapassado. Em Fonte Arcada a moldura exterior de cada arco é idêntica à do ajimez proveniente da igreja de São João da Ponte (Guimarães) que atualmente integra o espólio do Museu Pio XII (Braga). Todavia, o tipo de peça utilizado também está presente nos arquinhos que sustentam as cornijas da nave e da cabeceira de Fonte Arcada, embora se assemelhem mais aos que subsistem na igreja do antigo mosteiro de São Torcato de Guimarães, dado o tipo de moldura que remata cada arco.



Pormenor do portal oeste

A largura de cada arcada-cega de Fonte Arcada é muito menor do que é habitual neste sistema de animação das superfícies murárias românicas, como exemplificam as igrejas portuguesas de Roriz, Rio Mau (Vila do Conde) ou São Salvador de Arnoso (Famalicão), entre outras, e as igrejas da vizinha Espanha como Santa Maria de Siones e San Miguel de Cornezuelo (Burgos) ou San Millán e Santíssima Trinidad de Segóvia, exemplares que mais se aproximam do alçado de Fonte Arcada e que seguem o modelo da ábside de San Vicente de Ávila. Mas é na igreja de Santa Maria de Bareyo (Cantábria), que apresenta arcaturas no alçado de dois registos da cabeceira, configuração bastante frequente nas igrejas burgalesas e cantábricas, segundo Garcia Guineia, que a concentração de arcadas é mais densa. Na Cantábria são ainda exemplos desta densidade as igrejas de Cervatos, San Martín de Elines, Castañeda e Silió.

A utilização de arcaturas cegas em alternância com vãos de iluminação, como forma de animar as superfícies murárias e assim nobilitar os edifícios é muito comum, constituindo aliás uma das novidades da arquitetura

Portal oeste



românica. A singularidade de Fonte Arcada, no contexto do românico português ou mesmo hispânico, reside na multiplicação das arcadas, molduras, fustes, capitéis e impostas que lhe imprimem um elaborado desenho e acentuam os contrastes entre a luz e a sombra.

A campanha de restauro de Fonte Arcada, realizada pela DGEMN na década de 1940, incidiu, principalmente, na cabeceira e na fachada ocidental. As obras então realizadas são fundamentais para um melhor conhecimento da construção românica. A parcela semicircular da cabeceira recebera, nos séculos XV-XVI, pintura mural figurativa nas arcadas-cegas de ambos os registos e pintura decorativa nas frestas. Terá sido nesta mesma campanha que a policromia se estendeu aos capitéis, fustes, bases e impostas, policromia essa que ainda hoje se conserva. Este arranjo do alçado não escapou à observação atenta de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck (1726) que, ao descrever a igreja, refere que o retábulo dourado encobria "o outro de pedra, que era o antigo com promotoras figuras".

O restauro desta parcela, no decorrer do qual se procedeu ao destacamento da pintura mural, incidiu na reconstrução de frestas, colunas e capitéis, optando-se então pela colocação de peças só pontualmente decoradas e sem policromia, com a finalidade de se distinguirem das originais. Segundo Aguiar Barreiros, que descreve a igreja em publicação anterior ao restauro (datada de 1917), foi causa da destruição de parcelas da arcatura cega, a colocação dos caibros que sustentavam a tribuna do retábulo-mor. Nas fotografias realizadas aquando da intervenção da DGEMN (SIPA) é possível observar que, na arcada-cega, a junção da maior parte das peças que correspondem aos pequenos arcos apresentava roturas na parte superior, sendo claro que as peças não se encaixavam entre si. No decorrer das obras de restauro essas lacunas serão preenchidas com a aplicação de pequenos silhares dispostos verticalmente que lhe conferiram o aspeto de uma arcada contínua e não composta por vários elementos. Se é certo que as lacunas entre os arcos podem ter sido causadas pela colocação de suportes do retábulo da época moderna, o que importa aqui realçar é o sistema de construção da arcada que consiste numa sequência de peças cuja tipologia é habitualmente utilizada em cornijas.

Tendo em consideração todos estes elementos e circunstâncias será de perguntar se os arcos ultrapassados correspondem a um reaproveitamento de peças pré-românicas ou à recordação das suas formas. Terá sido essa reutilização/memória que resultou na estreita largura das arcadas, modelo infrequente como já referimos? A menção documental a Fonte Arcada no século XI garante a existência de uma igreja pré-românica anterior à que atualmente

se conserva. Em que medida a pré-existência deixou sugestões na construção da igreja é uma questão de difícil resposta. Todavia ela está patente, seja pelo reaproveitamento de peças ou seja por uma configuração que decorre da cultura arquitetónica da Alta Idade Média e que emerge em construções românicas, como a de Fonte Arcada.

O único capitel figurativo das arcaturas do registo inferior do alçado da parcela semicircular da cabeceira apresenta três personagens. Na aresta do capitel um dos personagens aparenta receber um báculo do personagem da face direita, entregando-o ao que figura na face esquerda. Tratar-se-á de uma cena do ritual de ordenação de dois abades ou bispos, já que a entrega do báculo faz parte dessa cerimónia de imposição? Apesar de o tema ser distinto, o sentido de dar e receber está bem patente num capitel da igreja de Saint-Priest de Volvic (Auvergne), onde estão esculpidos dois personagens que agarram uma coluna. Segundo Manuel Castiñeras representa-se, neste exemplar, uma cena de doação do templo.

Como é habitual na escultura românica portuguesa, estamos unicamente no campo das hipóteses. Mais intrigante é a presença de dois personagens deitados, que aparentam estar a dormir, esculpidos dentro dos limites de um dos arcos que, como foi já referido, parecem indiciar uma relação de sentido com os dois personagens esculpidos nos capitéis do lado norte do portal principal e as cabeças humanas que pontuam na mísula que sustenta o tímpano.

A posição de dois personagens deitados e o facto de terem um tecido que os cobre lembra, desde logo, a representação dos Reis Magos quando, em sonhos, o anjo lhe anuncia o nascimento de Cristo. São exemplos da utilização desta iconografia na época românica um capitel da catedral de Saint-Lazare de Autun e um outro da ermida de Santiago de Aguero (Hoya de Huesca), bem como uma aduela do portal da igreja de Santo Domingo de Soria, entre outros. Muito embora seja de colocar a hipótese de o exemplar de Fonte Arcada estar incompleto por fratura de um terceiro elemento, a observação das peças que o compõem não permite retirar essa conclusão. Os personagens dos capitéis e da mísula do portal ocidental, que mostra duas caras, acima referidos e este último exemplar da cabeceira com as duas figuras que aparentam estar a dormir poderão fazer parte de uma rede de significados aparentemente descontínua.

No registo superior do alçado do tramo semicircular da cabeceira abrem-se três frestas seguidas de dois arcos-cegos, um de cada lado. As frestas são compostas por três pares de colunas e por arquivoltas de variada modinatura, o que confere a este alçado uma articulação complexa que, conjuntamente com as arcaturas do registo inferior,



*Interior. Perspetiva
geral a partir do lado
ocidental*

imprime um ritmo particular a esta parcela da cabeceira. Emoldurando a fresta central há ainda um fuste de cada lado onde se apoiam duas nervuras da cobertura do tramo semicircular da cabeceira. Entre os capitéis vegetalistas destacam-se os que apresentam folhagem esculpida em bisel, técnica muito presente nas igrejas românicas da Bacia do Sousa, muito embora não se restrinja a esta região, e que tem sido considerada como uma revivescência da escultura pré-românica. Nos capitéis figurativos pontuam aves e quadrúpedes afrontados.

Os registos superiores dos alçados sul e norte dos dois tramos retos da cabeceira são ambientados por duas arcadas-cegas que não apresentam colunas. Nos arcos triunfal e torais, os capitéis são muito diversos dos da arcada-cega e das frestas, sendo compostos por um cesto relativamente baixo e largo e encimados por ábacos cuja modinatura se prolonga nas impostas. Esta tipologia de capitel e imposta e a organização da escultura sobre o cesto são glosadas em arquiteturas de formulário gótico, como a cabeceira de São Pedro de Cete (Paredes) reformada no início do século XIV, a matriz de Barcelos ou a igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, ambas construídas entre os séculos XIV e XV. As nervuras da abóbada do tramo semicircular da cabeceira de Fonte Arcada constituem outro elemento de carácter gótico presente nesta igreja.

São de destacar os capitéis do arco triunfal, tanto pela forma como pelos temas figurativos que apresentam.

Interior. Abside



No capitel do lado do Evangelho, emergindo de uma decoração vegetalista, estão esculpidos dois bustos humanos nas arestas que alternam com três cabeças de animais que ocupam as faces. A expressão ligeiramente sorridente de uma das cabeças, em contraste com a expressão séria da outra, terá algum significado, muito embora não descortinemos qual o seu sentido. Nas igrejas de Nossa Senhora da Oliveira e São Pedro de Cete existem igualmente capitéis com cabeças humanas muito relevadas e de cuidada escultura, mas é na capela de Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro Seco (Chaves), já mencionada como ermida nas Inquirições de 1258, que encontramos maiores semelhanças com as cabeças-busto de Fonte Arcada. Todavia é na abóbada da torre-lanterna da Sé-Velha de Coimbra, obra da época gótica, que este motivo mais se assemelha ao de Fonte Arcada, não unicamente por uma proximidade formal mas, sobretudo, porque, tal como em Fonte Arcada, os rostos apresentam as mesmas expressões opostas de sorriso/seriedade. Não será também por acaso que no capitel de Fonte Arcada os bustos alternem com animais de expressão feroz. O caráter antitético e o gosto pelos

contrastes são muito próprios da escultura da época românica, aspeto que, frequentemente, se prolonga na obra gótica.

Apesar da dificuldade em destrinçar as origens e significados das cabeças humanas, que espreitam ou se projetam entre composições vegetalistas, a verdade é que este motivo tem uma longa ascendência decorrendo de motivos gerados ainda no seio da cultura clássica, como sugere Joana Antunes. Na sé de Silves, obra da época gótica, a autora regista a presença de imponentes cabeças "maioritariamente masculinas (com barbas criativamente recortadas); mas ocasionalmente também em femininas, que ocupam toda a altura do capitel, acantonadas nos seus ângulos". Quanto ao seu sentido, Joana Antunes coloca a hipótese de este motivo recordar "a presença constante, vigilante mas também controladora dos espíritos em trânsito, aos quais se devia respeito e temor". No que diz respeito às cabeças esculpidas em capitéis, densamente presentes no mosteiro da Batalha, Joana Antunes sugere que "é à cabeça enquanto elemento pensante e comunicante por excelência que compete o domínio da palavra" considerando que é essa uma

Interior. Pormenor da abside





Interior. Capitéis do arco triunfal e dos arcos da abobada da cabeceira

das alegorias articuladas de todo o programa iconográfico do mosteiro.

Na cabeceira da já referida igreja de Santa Maria de Bareyo a abundante presença de cabeças humanas em vários capitéis conduziu Garcia Guinea a uma tentativa de interpretação. Segundo este autor, uma parte das cabeças pode sugerir a existência de um apostolado que rodeia o *Pantocrator*, realçando contudo que esta interpretação é unicamente uma hipótese. Mais claro é o significado de três cabeças junto a vasos de perfume, numa representação sintética das três Marias, e das três cabeças dos soldados que dormem junto ao túmulo de Cristo.

As propostas de interpretação de Joana Antunes e de Garcia Guinea parecem-nos sedutoras. Cremos que o significado do tema varia de acordo com o contexto onde o motivo está inserido, fenómeno que aliás se regista numa boa parte da escultura românica.

No capitel do lado da Epístola do arco triunfal de Fonte Arcada, oposto aos dos bustos humanos, figuram quatro quadrúpedes cujas cabeças se adossam na aresta do

capitel. Em confronto com o capitel anterior, a presença destes elementos reforça o sentido antitético que entrevermos na escultura desta cabeceira.

Segundo Craesbeeck, no pavimento da "entrada do corpo da igreja para o cruzeiro", encontrava-se uma epígrafe com a seguinte inscrição do ano de 1246:

E(ra) (M) CC L XXX IIII

Considera Mário Barroca que Craesbeeck foi um meticoloso registador de epígrafes, não havendo razão para duvidar da existência da inscrição ou da sua correta leitura. Todavia, o carácter lacunar do texto não permite retirar qualquer conclusão, embora Mário Barroca levante a hipótese de se tratar de uma epígrafe funerária, pelo facto de se encontrar no pavimento da igreja.

Como foi inicialmente referido, à elaborada cabeceira não corresponde uma equivalente fachada ocidental na qual, aliás, se patenteiam soluções regionais bem menos eruditas que as do programa da cabeceira. Esta diferença entre as parcelas pode apontar para um programa inicial

mais ambicioso ou para a presença de diferentes mestres no estaleiro de Fonte Arcada já que a construção de uma cabeceira abobadada exigia amplos conhecimentos de estereotomia por parte do seu mestre. A diversidade tipológica dos capitéis assegura a existência de vários modelos. Há diferenças consideráveis entre os capitéis das frestas da cabeceira e dos portais e entre estes e os da arcatura-cega. Contudo, ambos os modelos, tanto na morfologia como nos motivos esculpidos, têm uma extensa e longa aplicação. Bem mais diversos são os capitéis dos arcos triunfal e toral da cabeceira, já claramente góticos. Esta diversidade não implica necessariamente uma cronologia distinta. As formas góticas convivem no mesmo tempo e espaço com soluções românicas, uma vez que estas têm uma ampla diacronia.

Se é certo que as cabeceiras de remate semicircular como Longos Vales (Monção), Friestas (Valença), Roriz (Santo Tirso) e São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira), têm sistematicamente uma arquitetura bem cuidada, segundo os melhores modelos românicos, no mosteiro de Fonte Arcada o programa é ainda mais elaborado.

Exteriormente, a cabeceira apresenta uma solução semelhante à dos mosteiros de Roriz e São Pedro de Ferreira, bem como à dos absidiolos do mosteiro de Pombeiro (Felgueiras). Nestes exemplares, compostos por dois tramos, um reto e um semicircular, a cornija assenta sobre arquinhos, como em Fonte Arcada. Em São Pedro de Ferreira o alçado é dividido em dois registos por um friso que contorna os fustes, enquanto em Fonte Arcada são três os registos do alçado que apresenta dois frisos. O superior contorna igualmente os fustes, mas a sua moldura difere, sendo semelhante à dos absidiolos de Pombeiro e às da abside da Sé-Velha de Coimbra. Entre os capitéis onde se apoiam os pequenos arcos salientam-se dois exemplares pela semelhança com capitéis de São Pedro de Rates datáveis do século XIII, considerando a esse propósito C. A. Ferreira de Almeida, que terão sido reaproveitados de uma igreja anterior, já românica.

Muito embora na cabeceira de Fonte Arcada haja soluções semelhantes às dos exemplos mencionados, essa similitude não significa necessariamente que tenha havido influências diretas entre os programas dos vários monumentos, apesar da proximidade geográfica entre esta igreja e as dos mosteiros de Ferreira, Pombeiro ou Roriz. cremos que será mais consentâneo com a realidade dos processos construtivos, considerar simplesmente que estes modelos faziam parte das várias soluções da arquitetura românica.

Tendo em consideração a presença dos elementos proto-góticos ou mesmo góticos já referidos, a construção da igreja deverá datar dos meados do século XIII. Um

documento com datação hipotética de 1257 refere uma dádiva ao mosteiro no valor de dez morabitanos "por causa das obras", segundo C. A. Ferreira de Almeida. Muito embora a construção que se conserva deva corresponder a esta cronologia, a memória da arquitetura pré-românica está bem patente no templo de Fonte Arcada.

Texto: LCR - Fotos: JNG/CG
Planos: MF/MS (sobre SIPA-DGPC/EACR/RD)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 78-79; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 77, 102 e 110; ANTUNES, J.F., 2016, pp. 289-290, 655-656; BARREIROS, M.A., 1917a, p. 66; BARROCA, M.J., 1990, pp. 114-115; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 329 (de 1246); CASTIÑERAS GONZÁLEZ, M.A., 2015, p. 60; COSTA, A.J., 1959, II, p. 115; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, II, pp. 222-223, 226-227; ENC. ROMÂNICO CANT., 2007-08, II, pp. 186-213, *sv.* "Bareyo" (Miguel Ángel García Guinea); ENC. ROMÂNICO CAST. Y LEÓN, 2002-08, III, p. 1523, *sv.* "Segóvia" (José Manuel Rodríguez Montañés); LITTLE, C.T., 2006, p. 115; MARQUES, J., 1988, pp. 625 e 666-667; RAMOS R. *et alii*, 2009, p. 53; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 1999, I, pp. 139-140; VASCONCELOS, J., 1918, p. 160.